

# Palavra Terapêutica e Interação Ortogonal

Beatriz Coutinho e Gislayne Avelar Matos

- *O que é que põe uma coisa no jeito?*
  - *É a palavra*
- *O que é que atrapalha uma coisa?*
  - *É a palavra*
- *O que é que mantêm as coisas no seu melhor estado?*
  - *É a palavra*

Adágio do Mali

À medida que buscávamos uma compreensão mais clara do termo “interação ortogonal”, que segundo Maturana<sup>1</sup> – “são as interações entre os componentes de um sistema que não envolvam as propriedades através das quais é realizada a organização do sistema.” – começou a se delinear em nossos horizontes, a necessidade de refletirmos sobre nossa prática terapêutica, à luz da teoria do biólogo. Nosso objetivo: buscar nesta os elementos que pudéssemos, sem receio, identificar como “ações ortogonais.”

O ou a terapeuta deve escolher uma ação (afirmação, intervenção ou interação) que não seja confirmativa da atual família. Tal ação tem que ser uma interação fora do domínio das conversações que definem a família consultante particular, mas que ocorre no domínio de existência de pelo menos um de seus membros.<sup>2</sup>

Nossa experiência como ouvintes e pesquisadora dos contos de tradição oral e suas funções educativa, terapêutica e iniciática, levou-nos a reconhecer nestes, um recurso por excelência, para as ações ortogonais propostas pelo teórico.

Nesse sentido estamos longe de sermos pioneiras “*Há muito, muito tempo atrás, num longínquo reino do oriente*”, alguém já sabia disso, Sherazade, a heroína das *Mil e uma noite*, que tem inspirado, nossas investigações.

Os contos inicialmente são “isóforas”, termo cunhado também por Maturana, *isóforas*, diz ele: *são histórias que evocam em você a mesma coisa que contam.*

Além de propiciarem essa evocação, os contos fazem um deslocamento no tempo, “*Era uma vez...*” introduz um ritmo, promete fazes, desenvolvimentos, alternâncias. O tempo é transformado em duração e a duração em evolução. Assim o conto diz que a vida é um movimento, um processo e que são os homens que, através de suas reações, a fixam no mal estar ou na infelicidade.<sup>3</sup> “*Era uma vez... nos ensina que o tempo é a filosofia da mudança.*”<sup>4</sup>

Não coincidindo com o calendário, o tempo é reversível. Ele pode ser suspenso para depois ser restituído, uma espécie de autorização para se alcançar os objetivos e as redefinições necessárias.

Esse deslocamento é também criador de um outro espaço, numa dimensão fora da realidade concreta do cotidiano, mas igualmente realidade: a do imaginário.

Imaginário e imaginação são termos que, muito naturalmente associamos à linguagem dos contos.

Como Stort e Jean, citados por Matos<sup>5</sup>, empregamos o termo imaginário, principalmente no sentido de fantasia, entendida como criações mentais subjetivas diante de situações frustradoras. Estreitamente ligado ao ato criador, o imaginário faz parte da experiência humana. Ele cria uma distância entre o mundo objetivo e o mundo idealizado, afinando o espírito crítico e nos fazendo refletir.

O autêntico imaginário não nos afasta da realidade, mas a restitui a nós. Ele possibilita ao homem comunicar-se consigo mesmo, uma vez que seus desejos, carências, necessidades, anseios são através dele explicitados. Da mesma forma, é também através dele que o outro nos trará informações sobre seus sentimentos, seus conhecimentos e sua situação no mundo.

Imaginação aqui, refere-se rasteiramente à faculdade pela qual o homem é capaz de reproduzir – em si mesmo, ou projetando fora de si – as imagens armazenadas em sua memória (imaginação dita reprodutora), e de criar as imagens novas que se materializam, ou não, nas palavras, nos textos, nos gestos, nos objetos, nas obras, etc (imaginação dita criadora).

Desta forma, imaginário seria então, o termo para designar os domínios ou territórios da imaginação. Distinguiria-se, por exemplo: o imaginário poético, o imaginário plástico, o imaginário corporal.

No caso de Scherazade – nossa inspiradora, foi instaurando a dimensão do imaginário como espaço de ser e de transformação que ela pôde preservar a própria vida.

A heroína empreende uma “missão” aparentemente impossível, quando decide casar-se com o sanguinário sultão Sharear para curá-lo da loucura, que colocou em risco a continuidade da vida no seu reino, uma vez que ele pretende varrer da face da terra o gênero feminino.

Gravemente ferido na alma pela traição de sua sultana – que ele surpreendeu, entregue aos braços de um escravo negro, em meio a uma orgia sem fim – o sultão Sharear, concluindo, à partir de sua dolorosa experiência pessoal, que a deslealdade e a falsidade, impulsionadas pela sexualidade desmedida, são um vício próprio da natureza das mulheres e que, por isso, inevitavelmente elas traem seus maridos, decidiu escapar a esse destino.

Assim, decidiu que a cada noite se casaria com uma mulher virgem e na manhã seguinte mandaria matá-la por decapitação. Não seria necessário mais que um dia, para as mulheres traírem seus maridos. Com o poder de sultão, levou adiante o plano macabro.

Inicialmente foram as filhas dos nobres, dos generais, dos ricos comerciantes e depois as moças do povo. Era todo um gênero que desaparecia sob a fúria de um rei enlouquecido. Nesse contexto aparece Scherazade, a filha do vizir, jovem culta, de espírito refinado, versada nas ciências, na música, na poesia, mas acima de tudo, exímia contadora de histórias. Ela veio decidida a arriscar o próprio pescoço na tentativa de interromper um fluxo alucinado, de morte.

Mas que recursos teria, para enfrentar situação tão adversa? Era uma jovem belíssima, mas muitas outras antes dela o eram igualmente, e não sobreviveram à mesma tormenta. Qual foi a diferença na ação de heroína?

Ela nos desvela seu segredo. Todas as antecessoras se relacionaram com o sultão numa única dimensão de tempo, na qual a noite (sinônimo de amor e vida) tanto quanto o dia (sinônimo de morte e silêncio) eram o palco para o desenrolar apenas da realidade concreta. Scherazade criou na aurora, e com sua “palavra poética” uma outra dimensão no tempo, a do imaginário. Nessa dimensão o tempo é mais que tempo é também espaço onde a criação e a recriação podem se dar.

O mundo do sultão Scharear era muito pequeno, pois pobre de imagens, e reduzia-se ainda mais pela predominância de uma de suas representações mentais, no caso a que fixava a vilania das mulheres. Nesse universo de imaginário tão restrito, suas ações criminosas se deveram à generalização de sua experiência, como em geral

acontece com os espíritos simplórios que somente entendem o mundo generalizando as próprias experiências.

Os argumentos do pensamento têm necessidade do apoio das imagens. É lançando mão delas que o pensamento dialético pode unir-se ao espírito de *finesse*<sup>6</sup>, próprio daqueles que, mesmo sem grandes recursos são capazes de produzir obras de um valor transformador, como foi o caso da grande contadora que, usando apenas da palavra, e de seu talento para encantá-la, modificou os rumos de uma tragédia.

Em formato de histórias surpreendentes e com outros personagens, a jovem sultana devolvia ao perturbado marido, a mesma representação, mas carregada de novos significados. Dessa forma abria-lhe a porta ao aprendizado da vida, ensinando-lhe a ver as relações entre as coisas, iniciando-o no conhecimento de si mesmo.

Em terapia, assim como nas *Mil e Uma Noites* os contos, mantendo um movimento constante entre o dentro e o fora, o verbal e o não verbal, contribuem para a construção da interconexões do indivíduo nas suas extensões internas, nos seus modos de relação e em seu ser de expectativas, enfim, tanto em seus processos aparentemente invisíveis quanto em sua atuação relacional.

No grupo familiar ele transfere o conflito do seio da família para um contexto mais universal, onde os interessados podem se contemplar como espectadores.

Mas muito embora possamos reconhecer o grande valor terapêutico nesses aspectos do conto, que acabamos de citar e que estão relacionados ao quadro estético de sua estrutura narrativa, que contextualiza conteúdos e temas de uma forma muito particular, isso apenas, não seria suficiente para que o considerássemos como uma “palavra terapêutica” eficaz e tão aparentada ao conceito de intervenção ortogonal de Maturana.

A ritualização de suas fórmulas introdutórias: “Era uma vez...”, “Conta-se que...”, “Num reino muito distante do distante oriente...”, “Houve certa vez ....” etc. nos remete a uma possibilidade de relação muito especial, na qual a cumplicidade e a colusão, propiciam a uma abertura de si mesmo, em confiança.

Nesse clima relacional as barreiras hierárquicas que poderiam ser levantadas pela idéia de que o saber do terapeuta é decisivo para a solução dos problemas, caem por terra. O lugar do saber é deslocado para o próprio indivíduo ou a família que, levada a visualizar ao mesmo tempo a natureza do impasse que a faz sofrer e a possibilidade de uma solução, assume a direção de sua história podendo recriá-la ao infinito.

Portanto o que chamamos de “palavra terapêutica” é combinação de uma história, de uma estética, de um espaço que se abre para a dimensão do imaginário, de uma relação que inclui num mesmo nível família e terapeuta, de linguagens várias, de diferentes modelos... todos esses elementos, construindo uma narrativa oral, imagética e plástica como um fluxo de significações que relacionam a experiência vivida com o pensar, o ouvir, o sentir, organizando-se em novas construções.

A “palavra terapêutica” com sua configuração ampla, seria então a aplicação prática do conceito de intervenção ortogonal.

## **Como utilizamos o conto tradicional em terapia**

Queremos registrar a clara diferenciação entre o conto tradicional e o conto sistêmico, esse último sendo uma criação do terapeuta à partir dos elementos trazidos pela família e cuja metodologia difere em muitos aspectos do conto tradicional, embora em outros se assemelhe. Estamos tratando neste trabalho apenas do conto tradicional.

É fundamental que o terapeuta use sua percepção para saber o momento em que a utilização de um conto pode ser frutífera com uma família, um casal ou um indivíduo. É preciso que ele trate esse recurso não como mais uma técnica mas como a proposta da criação de espaço regido por “outras leis”, que dispensam as interpretações, as explicações e até mesmo a necessidade de se buscar uma compreensão clara da problemática do cliente.

Nesse contexto o terapeuta abre mão de seu papel clássico de *expert* em prol de uma relação mais igualitária.

Quando o terapeuta sente que é o momento certo ele apresenta um conto previamente selecionado e que poderá ser um bom estimulador para a reflexão do grupo sobre sua própria trajetória.

Esse conto é lido no grupo para que todos tomem conhecimento de seu tema.

Solicita-se que cada membro assinale os elementos que para ele são intrigantes, importantes ou com os quais se identifica.

Colocados lado a lado, o particular das vivências pessoais ou familiares e o universal do conto, espera-se que um ilumine o outro e que novas possibilidades de leitura da própria história de vida, emerjam.

Essas novas leituras poderão se configurar numa narrativa da própria trajetória, tendo como referência a perspectiva do conto apresentado e construída a partir de suportes em outras linguagens: plástica, corporal, por exemplo.

Situando-se na interseção entre dois mundos: o da realidade concreta e o da realidade do imaginário, o indivíduo, família, casal, terá nos elementos do conto tradicional uma boa base e um ponto de partida para acionar a narrativa de “sua história”.

---

<sup>1</sup> MATURANA, Humberto; MÉNDEZ, Camen Luz e CODDOU, Fernando. Tradução de Cristina Magro e Nelson Vaz. O emergir da patologia in: *Irish Journal of Psychology* 9 (1): 144-72, 1988.<sup>1</sup>

<sup>2</sup> ibidem

<sup>3</sup> CAILLÉ, Philippe e REY, Yveline. *Il était une fois... du drame familial au conte systémique*. Paris: ESF, 1988.

<sup>4</sup> SACCU C., *L'enfant, de l'objet de soin à l'instrument de formation relationnelle* in: ACKERMANS A. e ANDOLFI M., Paris: ESF, 1987.

<sup>5</sup> STORT, Eliana V. R. *Cultura, imaginação e conhecimento: a educação e a formalização da experiência*. Campinas: UNICAMP, 1993, pg.46. e JEAN, Georges. Pour une pédagogie de l'imaginaire. Tournai, Belgique: Castermam, 1991, pg. 23-4, citados por MATOS, Gislayne Avelar. *A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade* (título provisório), São Paulo: Martins Fontes, no prelo.

<sup>6</sup> LAHY-HOLLEBECQUE, Marie. *Schéhérazade ou l'éducation d'un roi*. Puiseaux: Pardès, réédition de l'édition de Radot, Paris, 1927, parue sous le titre original: *Le féminisme de Schéhérazade* (La révélation des *Mille et une Nuits*), dans la collection “Les Cahiers de la Femme”.